

CAMINHOS QUE NORTEIAM A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E A COLOCA COMO PARTE INTEGRANTE DO ATO PEDAGÓGICO.

MARIA NÁDIA ALENCAR LIMA¹

RESUMO

O artigo propôs-se a revisão literária de autores renomados no campo de estudo da avaliação escolar pontuando as principais linhas de pensamento ideológico/teórico e científico que discorrem sobre a ação de avaliar enquanto ato integrante da prática pedagógica e como isso reflete no aprendizado do aluno, nesse sentido o texto apresenta elementos traduzidos pelo diálogo entre a pesquisadora e autores, a fim de instigar uma reflexão sobre a significação do processo avaliativo e trazer novas discussões para a academia. A metodologia adotada, em relação à natureza, é aplicada pelas subjetividades e nuances não traduzidas em números, e a abordagem do assunto é qualitativa, e com relação aos procedimentos técnicos, é bibliográfica. A análise das diversas posições acerca do tema mostrou por meio dos resultados e discussão que é preciso oferecer caminhos que viabilize o processo avaliativo de modo que o professor fuja da exclusividade das provas formais, muitas vezes punitivas e que não alcançam as múltiplas dimensões do processo de aprendizagem do aluno, mostrou também que há a necessidade dos professores experimentar estratégias de avaliação que tenham intencionalidade e objetivos consistentes para a mobilização do ensino com vistas ao entendimento a todas as questões refletidas nos registros pedagógicos que culminam com a avaliação.

Palavras-chave: Avaliação escolar; Prática pedagógica, Saberes necessários, Ensino-escuta

INTRODUÇÃO

O estudo foi orientado pela perspectiva qualitativa fundamentada na revisão bibliográfica com inteira conexão com os teóricos referenciados no campo da avaliação escolar e tem como objetivo analisar o instrumento avaliativo dentro do processo de ensino e aprendizagem frente a ação das boas práticas pedagógicas, por isso foi levantada uma discussão entrelaçando vários autores que abordam o tema.

A pesquisa de textos indica que a avaliação ainda hoje caminha caracterizada e imbuída culturalmente pelos métodos quantificadores identificados e caracterizados na abordagem tradicionalista da educação escolar que tem claro intuito de corrigir e medir relaxando na sua função precípua de avaliar para verificar e retroalimentar o ensino, desse modo o professor classifica o aprendizado do aluno através de uma escala que segue uma ordem numérica de 0

¹ Pedagoga – UFRA – Universidade Federal Rural da Amazônia – PA. E-mail: alencar.prof@gmail.com

(zero) à 10 (dez) recaindo numa prática que elege e valoriza números, prioriza conteúdos em excessos ao invés de explorar conteúdos para além do campo do saber e necessários para cada momento de sala de aula.

O ineditismo encontra-se pelo fato histórico da avaliação seguir secundarizando o desenvolvimento do senso crítico do estudante uma vez que permanece reproduzindo o diálogo de mão única que não reflete a educação para a liberdade e para o processo democrático, aspectos que deveriam estar presente e se movimentar no sentido de consubstanciar o instrumento avaliativo que tem a função de orientar e reorientar a ação pedagógica frente ao binômio ensino e aprendizagem, bem como através do diagnóstico enquanto recurso metodológico utilizado pelo professor para levar ao desenvolvimento do aluno.

METODOLOGIA

A primeira etapa foi produzir as arguições que serviriam de pontos norteadores que fossem capazes de guiar a compreensão da dinâmica dos discursos dos teóricos que convergem para a análise das relações estabelecidas entre professor, aluno e avaliação buscando integrar a realidade de sala de aula ao contexto histórico cultural os quais emergem a avaliação escolar.

A segunda fase se deu pela dialogicidade entre pesquisador e autores que vem ao longo dos anos desenvolvendo e debatendo o tema avaliação sob os mais diversos pontos de vistas tendo em comum o pensamento crítico sob o questionamento para que serve a avaliação? O que avaliar e para que avaliar? Assim como o encadeamento do conhecimento reflexivo para agrupar informações pertinentes a avaliação enquanto instrumento que produz tipologias diferentes e não mensuráveis.

Nesse sentido, as etapas do estudo valeram-se da abordagem qualitativa embasado no campo teórico metodológico de análise dos conteúdos literários específicos evidenciados pelo pensamento crítico, mas com arcabouço reflexivo que mesclaram as ideias defendidas com as diversas concepções sobre a avaliação escolar protagonista dos diálogos produzidos pelos autores e que convergem e se inter-relacionam nesta linha de pensamento a fim de promover novas informações sobre o processo avaliativo como parte integrante do exercício pedagógico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao trilhar o caminho em busca de fomentar a construção de novos saberes ao aluno, o professor deve ter visão ampliada da realidade histórica e cultural da turma em que leciona e

buscar conhecer escutar cada um desses alunos para refletir inicialmente sobre alguns aspectos que possam dificultar o processo de aprendizagem e sair em busca das respostas, a fim de superar defasagens, dificuldades e limitações que possam ser impeditivos no progresso intelectual desses estudantes.

Para Freire (2018, p.111) “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele.” E esse feedback que não deve se restringir aos momentos de aplicações de exames pontuais pode ser um caminho que galgado gradativamente, poderá promover a eliminação da avaliação meramente burocrática que cega o professor e o impede de escutar o aluno, assim como diagnosticá-lo, a fim de sanar suas dificuldades de aprendizagem, entretendo também o docente quanto a seus próprios limites como avaliador dentro desse processo de ensinagem que certamente serve de resposta para a melhoria da sua prática.

O professor evidentemente por ser o avaliador do aluno deve tomar posse das ferramentas didáticas e pedagógicas, a fim de alcançar para trabalhar as especificidades inerentes as defasagens e pontos fracos dos discentes, e para isso é preciso se apoderar das boas práticas que estão a serviço da educação escolar, e nesse sentido a escuta uma das mais importantes competências a ser desenvolvida e colocada em prática por ele em sala de aula, haja vista que:

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isso não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isso não seria escuta, mas auto anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. (FREIRE, 2018, p. 117)

Além disso, a escuta é também um instrumento avaliativo essencial para estabelecer uma conexão dialética interligada com o respeito e a confiança que o aluno pode construir ao longo da sua trajetória escolar com o professor, que ensina e aprende quando se coloca nessa condição de ser instrumento de coleta de conhecimentos diversos e uma via de comunicação disponível e permanente eliminando o conceito de avaliação unicamente através de um número qualquer.

Em vias diretas em concordância com Freire, e com o objetivo de desconstruir a prova escrita como única ideia de avaliação efetiva capaz de dizer o que o aluno aprendeu e o que deixou de aprender, surgem outras premissas que podem ser interpretadas como elementos desmistificadores para avaliar além dos exames burocráticos que de acordo com o autor abaixo:

[...] é imprescindível elaborar alguns registros completos que ajudem a entender o que está acontecendo a cada menino e menina, que incluam observações suficientes, com todos os dados que permitam conhecer em profundidade a complexidade dos processos que cada aluno realiza. Esquemáticamente, deveríamos poder diferenciar entre o que se espera de cada aluno, o processo seguido, as dificuldades que encontrou, sua implicação na aprendizagem, os resultados obtidos e as medidas que é preciso tomar. (ZABALA, 1998, p. 213)

Oferecer caminhos que viabilize o processo avaliativo de modo que fuja da exclusividade das provas formais, muitas vezes punitivas e que não alcançam as múltiplas dimensões do processo de aprendizagem do aluno é fundamental, mas também é preciso que essas estratégias de avaliação tenham intencionalidade e objetivos consistentes para a mobilização do ensino com vistas ao entendimento a todas as questões refletidas nos registros pedagógicos.

O portfólio é outra possibilidade democrática para avaliar o aluno devido sua característica ampliadora de diálogos vinculado tanto ao docente quanto ao discente e por sua identificação com a avaliação formativa que conforme, Villas Boas (2017, p.159), “requer o uso constante do feedback”. Certamente que o professor pode e deve lançar mãos de todas as variabilidades didáticas que acenem ou subsidiem sua ação pedagógica a qual seja capaz de inferir sentidos as atividades de sala de aula que culminam no processo avaliativo, uma vez que segundo Villas Boas (2017, p.163). “Esse tipo de avaliação permite a participação dos estudantes e aumenta a comunicação entre eles e o professor”.

Todavia ao tratar das concepções ou dos meios de avaliação que podem se sobrepor aos exames tradicionais Villas Boas traz também para este cenário de análise a autoavaliação como aliada da avaliação formativa e essa relação pontuada pela autora proporciona ao aluno um momento onde ele poderá refletir e até mesmo ponderar sobre o que deixou de aprender ou estudar reconhecendo desse modo suas falhas buscando formas para superá-las. Villas Boas (2017, p.163), alerta: “Negligenciar a autoavaliação e outros procedimentos avaliativos significa desconhecer toda a contribuição que podem oferecer às aprendizagens”.

Logo, o professor não deve propor essa ou qualquer outra forma de avaliação sem antes planejar o que o aluno deverá ser capaz de fazer com os conteúdos estudados em sala de aula ao longo dos bimestres, semestres ou ao final do ano letivo, visto a intencionalidade do processo avaliativo que acaba por não servir enquanto instrumento norteador para auxiliar na dinâmica da aprendizagem processual do aluno.

Felini et al. (2002, p. 42) afirma que a avaliação “não tem sido utilizada como elemento que auxilie no processo ensino aprendizagem, perdendo-se em mensurar e quantificar o saber, deixando de identificar e estimular os potenciais individuais e coletivos”. O autor evidencia, no

entanto que se dá mais atenção a uma escala de ordem numérica crescente que classifica o aluno que aprendeu e o que não aprendeu os conteúdos tão somente através de um determinado valor numérico sem uma análise mais ampla de tudo o que poderia ser avaliado dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Além disso avaliação deve ultrapassar os ideais e os mitos que a cercam enquanto instrumento mensurador de conhecimento, pois segundo Méndez (2002, p.14) avaliar perpassa pela compreensão de que esta conjectura “deve ser entendida como atividade crítica de aprendizagem, porque se assume que a avaliação é aprendizagem no sentido de que por meio dela adquirimos conhecimentos”, sendo assim convém frisar a importância e as possibilidades do processo avaliativo enquanto parte integrante do ato pedagógico que busca conectar o estudante aos saberes diversos que foram apreendidos ao longo do ano letivo e os que precisam de mais estudos.

Esta discussão em prol da qualidade da aprendizagem utilizando a avaliação como um caminho possível para revelar os pontos fracos e os fortes que podem e devem ser diagnosticados pelo professor e mediados através de estratégias pedagógicas e estudos teóricos capazes de orientar o trabalho docente e alcançar as especificidades discentes para superar as mazelas provenientes de um sistema de ensino seletivo e excludente, então é preciso que o professor compreenda que:

Para proceder a interpretações das múltiplas dimensões da aprendizagem, a leitura que o professor faz das inúmeras situações de sala de aula precisa estar embasada em estudos sérios sobre teorias da aprendizagem, sobre os caminhos científicos de cada área de estudo. Mais do que isso precisa ser uma leitura curiosa, investigativa e atrelada a uma dose de humildade do professor – de ser consciente de que não percebe muitas coisas do aluno e pode não ver o que deveria. (HOFFMANN, 2004, p. 99).

Essas dimensões que a autora aborda acima implica e perpassa por questões relevantes como a formação continuada que o professor deve segundo Freire (2018, p. 132) buscar o entendimento de que “ensinar exige disponibilidade para o diálogo”, a fim de melhorar sua prática pedagógica, assim sendo percebe-se que há uma relação entre a construção do caminho crítico até o culminar do ato pedagógico do professor, para que o mesmo assuma o a ação de avaliar através de um processo democrático que vislumbre a leitura de tudo aquilo que o aluno é capaz de absorver e desenvolver enquanto sujeito histórico e cultural.

Freire (2018, p. 133) afirma também que “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade,

como inconclusão em permanente movimento na história. ” Elucidando que cabe no ofício sempre a reflexão da própria experiência da autoavaliação para avaliar o outro.

Isso implica dizer que a avaliação deve ser dialógica, qualitativa sobretudo e processual de modo que reúna dentro desta ferramenta os instrumentos didáticos sequenciais, os elementos pedagógicos e dinâmicos que subsidiem todo o roteiro avaliativo uma vez que a finalidade da avaliação não é classificar e rotular os alunos, nem justificar o caminho percorrido por eles ao longo do ano letivo.

Conforme Hoffmann, (2004, p. 26). Avaliar é “[...] acompanhar com atenção e seriedade todas as etapas vividas pelo estudante para ajustar, no decorrer de todo o processo, estratégias pedagógicas. ” E isso implica dizer que a avaliação não deve se dá num momento estanque, mas respeitando o ser ativo que é o aluno enquanto aprendente dos conhecimentos sistematizados em sala de aula de modo dialógico, construtivo e permeado de significados.

Metodologias e estratégias de avaliação educacional enquanto caminhos para a aprendizagem

Ao trilhar o caminho em busca de fomentar a construção de novos saberes ao aluno, o professor deve buscar conhecer para refletir inicialmente sobre alguns aspectos que dificultam o processo de aprendizagem do estudante e ir atrás das respostas, a fim de superar defasagens, dificuldades e limitações referentes aos conteúdo que acabam sendo os entraves que mais acometem de forma negativa um número significativo de alunos nas escolas públicas brasileiras, isso se dá conforme Luckesi, (2003, p. 18). Porque “o nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem. ”

A crítica acima feita por Luckesi não deixa dúvidas de que existe a real inevitabilidade do professor reconhecer também seus pontos fracos e buscar se atualizar frente as questões que envolvem todo esse dilema do baixo nível de aprendizagem do aluno que em muitos casos os métodos avaliativos aplicados pelo professor ao longo do ano letivo não conseguem alcançar nem combater as fragilidades presentes no contexto do desenvolvimento cognitivo do aluno.

Os métodos servem para orientar o aluno a construir os saberes que ainda não consegue fazer sem esses aparatos pedagógicos e sobre essa mediatização dos instrumentos de ensinagem pelo professor que em muitas situações de acordo com Hoffmann, (1998, p.70) “se percebe a sua dificuldade em alterar sua prática, pela falta de subsídios teóricos e metodológicos que lhe deem segurança para agir”. Contudo para que o sistema escolar cumpra sua finalidade é preciso

ainda segundo Hoffmann, (1993, p. 84). “Ultrapassar a sistemática tradicional de se buscar os absolutamente certos e errados em relação às respostas do aluno e atribuir significado ao que se observa em sua tarefa, valorizando suas ideias, dando importância às suas dificuldades”

Essa questão perpassa pelos métodos que direcionam a prática do professor e norteiam o processo que vai revelar se o aluno evoluiu ou estagnou mediante os critérios adotados pelo docente. Logo refletir para decidir com clareza qual o caminho a percorrer ou qual o método que melhor vai se adequar para atender as especificidades e os aspectos relevantes da aprendizagem observando a configuração da relação pedagógica com tudo aquilo que compõe o aluno enquanto protagonista do processo de aprendizagem. Sendo isto uma necessidade, obrigatoriedade e não uma escolha do professor.

Para Luckesi (2003, p. 44), “dificilmente os professores definem com clareza, no ato do planejamento do ensino, qual é o padrão de qualidade que se espera da conduta de um aluno, após ser submetido a uma determinada aprendizagem. ”, nesse sentido e pelas discussões que se sustentam acerca da avaliação, seria importante que o professor materializasse metodologias e estratégias planejadas no caderno colocando-as a serviço do aluno em sala de aula fazendo com que este momento se tornasse uma rotina para atuar sob tudo aquilo que aluno não aprendeu.

Ao longo de diferentes etapas da aprendizagem é fundamental que o professor atue por meio de diferentes metodologias a fim de viabilizar a avaliação no âmbito de intervenção, pois segundo Diligenti (2003, p. 7), isto é necessário para que ocorra um “[...] processo interativo entre professor e aluno [...].” Para isso é preciso que se faça o acompanhamento que seja possível de responder as inquietações do estudante, com vistas a construção do seu caminho crítico.

A propósito Hoffmann, (2007, p. 13). “Ao avaliar efetiva-se um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem sempre por um longo tempo e se dão em vários espaços escolares, procedimentos de caráter múltiplo e complexo tal como se delineia um processo”. E nesse sentido é preciso compreender também que o espaço da sala de aula é um local onde há várias formas de manifestações culturais e onde acontecem coisas diferentes o tempo todo e sendo assim:

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas [...] (ZABALA, 1998, p. 29)

As condições práticas segundo a citação acima atreladas a sensibilidade humana são decisivas para definir o bom andamento do desempenho do aluno assim como tudo o quanto for significativo para ele. Zabala (1998, p. 95-96) acrescenta que “Para que os alunos vejam sentido no trabalho que irão realizar é necessário que conheçam previamente as atividades que devem desenvolver, não apenas como são, como também o motivo pelo que foram selecionados.”

Os caminhos para aprendizagem devem ser atrativos e recheados de significados para o aluno e isso perpassa pela superação da concepção de que para aprender o aluno necessariamente precisa fazer parte dos objetivos ou do planejamento de modo conceitual com base em discursos arbitrários e espontaneístas, é preciso sobre tudo que o professor reconheça a importância do aprender experimentando, uma vez que ainda conforme Zabala (1998, p. 97) “um desafio tem sentido para o aluno quando este sente que com seu esforço e a ajuda necessária pode enfrenta-lo e superá-lo.”

Considerar, no entanto que a efetiva participação dos alunos como a mola propulsora para o progresso pessoal cognitivo é uma das ações dentro da mediatização do ensino e da aprendizagem que por si só integra objetivo e planejamento fazendo com que na dinâmica do processo predomine o interesse e a busca do aluno em ir além daquilo que é significativo ou mesmo além dos conteúdos singulares possíveis de serem realizados, assegurando dessa forma a construção do conhecimento através de uma diversidade de atividades possíveis de serem realizadas, é uma urgência para que se possa então criar ou abrir novas janelas capazes de permitir uma visão para além da avaliação vestida de motivos tradicionais e portanto classificatória e seletiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por mais que muitos autores abordem a avaliação escolar por vias antagônicas ou mesmo utilizando conceitos diferenciados, em alguns pontos eles convergem em questões que precisam ser analisadas em sua base como: a imparcialidade no processo; o exercício diário na prática de autoquestionar sua ação pedagógica; seus movimentos atitudinais; seu limite de autoridade e de regulador para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem, pois não cabe ao professor fazer a seleção entre alunos bons e alunos ruins, sua função precípua se pauta na tarefa de ensinar, não de colocar o aluno numa luta constante pela sobrevivência dentro do processo, haja vista que a avaliação não tem a função de promover a seleção natural.

MINAYO, (2001, p. 79) afirma que [...] o produto final da análise de uma pesquisa, por mais brilhante que seja, deve ser sempre encarada de forma provisória e aproximativa. Nesse sentido quando se pensa em produto final como resultado do estudo sobre avaliação a base da discussão levou a compreensão de que o instrumento avaliativo deve ser pela ação do professor aplicado com imparcialidade, prudência e bom senso para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem, não apenas para marcar a presença de sua ação no processo de ensinagem ou para satisfazer o superego de muitos professores que ainda alimentam a ideia de que o para ser exímios profissionais é preciso atribuírem notas baixas para a maioria da turma se omitindo face as novas práticas pedagógicas as quais devem ser mobilizadas no contexto escolar de forma clara, idônea e inclusiva.

A revisitação as literaturas resultaram também no entendimento de que avaliar exige intervenção, exige coerência, exige compreensão de que as pessoas são únicas nas suas especificidades e que, portanto, a intervenção é de mundo não é de escala numérica mensuradora e julgadora de competências e habilidades que o aluno desenvolveu ao longo de uma unidade, bimestre, semestre ou ano letivo. A intervenção antes de tudo se estabelece entre aluno, conhecimento, ação pedagógica e não de desejo pessoal do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intensa atividade mental que é intrínseca ao processo avaliativo deve ser superada através de atitudes favoráveis capazes de motivar o aluno a alcançar bons resultados não pela via mecânica ou pelo castigo, mas pelas estratégias de aprendizagem que se mobilizam, que conversam entre si, a fim de promover a funcionalidade dos conteúdos sem desprezar o conhecimento prévio do aluno.

O professor deve exercitar diariamente a prática de autoquestionar sua ação pedagógica, seus movimentos atitudinais, seu limite de autoridade e de regulador de comportamentos, pois segundo Freire (2018, p. 60) “A vigilância do meu bom-senso tem uma importância enorme na avaliação que a todo instante, devo fazer de minha prática”.

Essa premissa mostra que o ato de avaliar deve ser concebido como parte integrante da ação pedagógica e que norteia o que o professor está fomentando, bem como o que o aluno está aprendendo podendo ser um caminho para superar o vazio e o inoperante que tem sido a avaliação escolar que além de permanecer sendo vista como instrumento punitivo, ainda atua com o intuito de promover ou reter o aluno dentro do processo de desenvolvimento dos saberes plurais.

Buscar, no entanto, coerência para ensinar deve ser uma obrigatoriedade para exercer a docência, assim como para avaliar e sair do demagogo discurso de que é democrático quando suas ações lhe denunciam e revelam sua hipocrisia através do autoritarismo disfarçado de benevolência e regado a negação ao respeito mútuo que esmaga a dignidade do aluno e o coloca como secundário dentro do processo de ensino e aprendizagem em detrimento há um ponto de vista regulador e excludente.

Contudo é preciso superar o antagonismo tão evidente quando a teoria do discurso pedagógico não configura e, portanto, não reflete a sua prática e, logo, não se correlacionam o que caracteriza conforme freire (2018, p. 61) “[...] o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre.” Vontade essa que leva o aluno ao medo que o constrange, que causa o desespero podendo desencadear no aluno atitudes inadequadas, como a evasão escolar, isolamento social, o ato de colar na prova na tentativa de não reprovar entre outras coisas. Desse modo a avaliação deve ser realizada com imparcialidade, prudência e bom senso para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem, não apenas para marcar a presença da ação docente no processo de ensinagem

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DILIGENTI, Marcos Pereira. **Avaliação participativa no ensino superior e profissionalizante**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

FELINI, Rosangela Maria; OLIVEIRA, Maria Emilia de; SANTOS, Odalea Maria Brüggemann dos, et al. **Repensando a avaliação da aprendizagem**. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia, v. 4, n. 2, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HOFFMANN, J.M.L. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2004

HOFFMANN, J. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 1998

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 1993.

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MÉNDEZ, Juan Manuel Alvarez. **Avaliar para conhecer – examinar para excluir**. Trad. Magda Schwartzhaupt Chaves. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (org). **Avaliação: Interações com o trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2017.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. (Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.